

OPINIÃO PÚBLICA

Interesse público das mídias sociais: fingir que fala e fingir que ouve



Mayara Calácio

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA



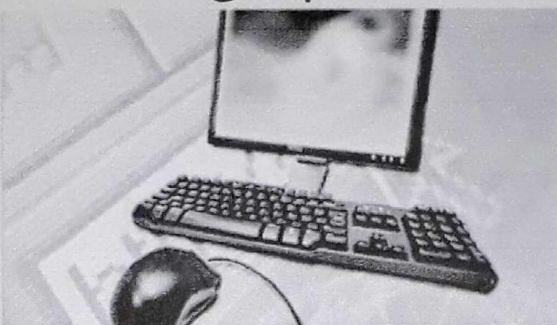
Simone Tuzzo

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Comunicação pública e cidadania são dois conceitos tão pertinentes quanto desafiadores. O senso comum já se acostumou com frases e binômios como: a comunicação pública para cidadania; a cidadania da comunicação pública; o público e a cidadania; a cidadania do público. Não interessando só a ordem dos fatores, mas a ordem do progresso, a comunicação pública adquiriu ainda mais responsabilidades na sociedade da ética, dos direitos e da informação. Nunca a sociedade teve tanto acesso à informação como hoje, nos tempos da Internet que, se ainda não é para todos, consegue dinamizar informações de interesse público que antes ficavam restritas a um número muito menor de pessoas.

É fato que a comunicação pública nunca se restringiu a ser conhecida apenas como propagandista do governo ou como partidária. A ideia central de sua existência sempre foi gestão da informação para o cidadão. A culpa por este "desvio de conduta" está em quem faz uso dela e do seu conceito tão precioso, mas recentemente quase utópico. Temos bons exemplos, claro, como o caso da Radiobras que, se libertando atualmente da antiga ditadura, conseguiu colocar três TVs, seis rádios e duas agências de notícias transmitindo conteúdo de interesse público, a princípio... - e que eles não escutem as minhas reticências.

E diante dessa cura rara da ciência da comunicação, é possível sentir o cheiro da esperança para



"Embora a falta de militância dos profissionais de comunicação em defender o interesse público prejudique a prática cidadã, o direito à informação e a vida social, os efeitos seriam bem mais catastróficos sem eles e sua mediação"

o interesse público. Mas, a quem cabe a responsabilidade de ter responsabilidade? Que o público existe, existe. As mídias sociais vêm mostrando isso. As pessoas existem. Seus interesses também. O espaço das mídias sociais é público. Mas o público das mídias sociais trabalha com um interesse coletivo?

Como diz o ditado, cachorro que tem dez donos morre de fome. De quase nada adianta o papel da comunicação pública nas mídias sociais sem indivíduos que permeiem os conteúdos a um denominador comum. Mas só parece saber disso, os cães mais bravos. Não é à toa que, cada dia mais, políticos têm investido na comunicação das mídias sociais. Ah, fingem que ouvem e fingem que são ouvidos. Fingem que falam e fingem que entendem, quando a linguagem nunca foi a mesma.

Ironicamente ou não, a própria essência da comunicação pública pode responder esse dilema, quando se concretiza na gestão da informação para o cidadão. Já destacamos a informa-

ção e o cidadão. Mas a palavra-chave, que quase passou despercebida, é gestão. Ora, a comunicação pública exige uma gestão, organização, direcionamento porque o próprio conceito de interesse público é a voz de vários interesses individuais que favorecem a coletividade, se é que podemos o definir assim minimamente.

Embora a falta de militância dos profissionais de comunicação em defender o interesse público prejudique a prática cidadã, o direito à informação e a vida social, os efeitos seriam bem mais catastróficos sem eles e sua mediação. A internet é uma terra de ninguém onde moram muitos alguéns querendo alguma coisa de um outro alguém, e nesse empurra, todos ficam aquém.

E não vos preocupeis com a intenção capitalista, maquiavélica, diabólica desses mediadores. Todo mundo quer ganhar alguma coisa. Todo mundo tem interesses individuais. A esperteza está em se interessar por essa comunicação acima das justificativas subalternas de quem a fez. No mais, é para isso que existe o inferno e o céu.

(Mayara Calácio, jornalista, acadêmica do Curso de Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Goiás - UFG. may.calacio@hotmail.com e Simone Tuzzo, doutora em Comunicação pela UFRJ, professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG. Autora dos livros: *Célebre Sociedade e Deslumbramento Coletivo*. simone-tuzzo@hotmail.com)

Detetives

Muito interessante a matéria sobre detetives. E me surpreendi com a afirmação de que, em Goiânia, as mulheres são as que traem mais. (Fátima Gonçalves, via e-mail)

Descaso à vida



Luiz Carlos Amorim
Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Eu não gosto de novela, mas quando posso, vejo *Que Rei Sou Eu*, reapresentada pelo Canal Viva. Cheguei a escrever uma crônica, constatando que o folhetim está mais atual do que nunca, nesses tempos de corrupção e impunidade no Brasil. Pois volto a lembrar da tal novela, quando vejo notícias sobre a mobilização do Vale do Itajaí, aqui em Santa Catarina, frente a um surto de gripe A.

Já são centenas de casos da doença em nosso Estado, a maioria no Vale do Itajaí. Já morreram vinte e duas pessoas, todas ou quase todas com idade fora das faixas etárias determinadas pelo Ministério da Saúde para receber a vacina. Como já se configura um surto da doença, Blumenau, Itajaí e outras cidades do Vale solicitaram ao Ministério da Saúde que enviasse estoque para vacinar todos os habitantes da região, indistintamente.

Pois o Ministério da Saúde negou, com a desculpa de que "a vacinação contra a H1N1 é para prevenir, apenas, não para bloquear surto instalado". Eles vão mandar medicamentos apenas para tratar a doença, não para evitar. Tudo bem, mandar o medicamento está correto, as pessoas que já estão infectadas precisam deles, mas quem não tem a doença está condenado a contrai-la, para então ter um tratamento? Isso se os medicamentos vierem em quantidade necessária.

Que Ministério da Saúde é esse que condena os cidadãos que ainda não foram vítimas do surto a não se imunizarem, a ficarem sujeitos a contrair a doença? Pode até haver um período, depois de tomada a vacina, para que ela faça efeito, mas depois deste prazo, quem a tomou terá muito menos chance de ser vítima da gripe



"Que Ministério da Saúde é esse que condena os cidadãos que ainda não foram vítimas do surto a não se imunizarem, a ficarem sujeitos a contrair a doença?"

temerária. Por que, então, não tentar evitar que um número maior de pessoas caia vítima do mal que pode levar à morte, como está acontecendo?

Isso é bem típico de uma situação que ocorreria no Reino de Avila, não é não? Os "conselheiros" da "rainha" preferiram negar a vacinação ao povo, para então, depois, vendê-la bem caro e assim terem lucros vultosos. Aqui, parece que estão economizando a vacina para não ter que produzir mais, para não "onerar" os cofres públicos, ou então para o povo ir às clínicas pagar bem caro para serem imunizados.

Tão zelosos, nossos "conselheiros", com o suado dinheiro que é arrancado do povo na forma de impostos quase que mais caros do mundo: o brasileiro trabalha quase meio ano só para pagar impostos ao governo, mas não vê retorno. A saúde, a educação, a segurança, a justiça, tudo está indo à falência. E a corrupção, a impunidade, a banalização da violência, da falta de honestidade são lugares comuns.

(Luiz Carlos Amorim, escritor - <http://luizcarlosamorim.blogspot.com>)



Mari Gonçalves

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Eco-92, Rio+20, patati patatá, e São Paulo+1 se continuar o loteamento político que está sendo arranjado. Andei fazendo uma média pessoal otimista e concluí que a Terra deve aguentar pelo menos mais uns 50 anos, tempo razoável no qual me imagino ainda por aqui. Depois, o futuro a Deus pertence. Mas se for para continuar só discutindo coisas chatas, sem agir, a gente vai até pedir "para sair".

É horrível dizer isso, mas tenho de aproveitar as vantagens de minha própria vida. Como não tenho filhos e, portanto, não tenho de pensar em netos, bisnetos e que-tais e que-quinis, meu cálculo foi egoísta. Penso em 50 anos à frente,

acompanhei atenta, feliz, torcendo pelas matas, oceanos, índios, aves, fauna e flora. Era bandeirinha em punho, broche na lapela.

A gente amadurece e vai ficando descrente, creio. Mas, no caso, minha descrença é ajudada pela realidade simples e sórdida. Amazônia mais desmatada, escassez de águas limpas, povos com fome e chagas, os mesmos países desenvolvidos, os outros tantos ainda em desenvolvimento, os pobres mais pobres e a violência cada vez mais sem fronteiras. Parece o uso de gerando disseminado: vamos estar fazendo, vamos estar implementando (ughhh!) algumas medidas. Enquanto isso nós cairemos mortinhos da silva, sem ar, sem água, surdos de barulho e nesse meio tempo ainda sem saber direito sobre qual é a das ondas eletromagnéticas e sobre o efeito de qualquer

Brasil + 50, Eu + 50



"Minha descrença é ajudada pela realidade simples e sórdida. Amazônia mais desmatada, escassez de

volvimentista planetário. Palavras boas para brincar de "forca". No meu tempo a maior era inconstitucionalmente. Paralelepípedo.

O mundo fica é andando aos pu-

porque estamos em junho e os coronéis das bancadas de uma determinada região queiram ir tomar quantum, dançar quadrilha, olhar a cobra. Não!!! Este ano, segundo a cara de Pau-Brasil em extinção dos desditos, a pausa será por causa da Conferência pelo Meio Ambiente. Vai mesmo ser demais acompanhar aquelas peças raras trabalhando duro no Rio de Janeiro, lutando pelas árvores, passarinhos, peixinhos, contra o aquecimento global. Estando lá, melhor do que em Paris, às nossas custas, poderão usar bandanas de guardanapos de linho para se proteger dos malfélicos raios UVA e UVB, passando óleo de peroba tagueles seus troncos viris.

Mas bem que também poderíamos ser poupados de mais cenas dantescas e vazias que materializam por lá. Juro que vi o nosso chanceler Patriota depositando 10 reais numa urninha para compensar as emissões do uso do avião que fez para ir de Brasília ao Rio. E